

FSP
21/6/99 1-4
19

ENTREVISTA DA 2ª

'Rei da soja' vira senador com projetos polêmicos

ROBERTO DE OLIVEIRA
enviado especial a Brasília
RAQUEL ULHÓA
da Sucursal de Brasília

Há cerca de um mês, Blairo Maggi, 43, o maior produtor de soja do mundo, assumiu uma cadeira no Senado Federal como suplente de Jonas Pinheiro (PFL-MT), que está de licença médica por quatro meses, e já apresentou dois projetos visando o transporte fluvial às margens de reservas indígenas que potencialmente podem beneficiar seus negócios.

Maggi é dono da Hermosa Navegação da Amazônia, empresa que transporta grãos e insumos pelos rios da floresta. Sua proposta deverá causar polêmica com entidades que trabalham na proteção ambiental e no apoio aos índios, mas ele diz que tudo que pretende será feito legalmente.

Conhecido no meio agrícola como o "rei da soja", título que despreza, possui um dos maiores conglomerados do setor no país, com produção de soja, milho, algodão, criação de gado e suínos, cujo faturamento, diz ele, foi de US\$ 300 milhões em 98.

Maggi simboliza para muitos agricultores o sucesso daqueles fazendeiros que saíram do Sul para desbravar o cerrado no Centro-Oeste, na década de 70, onde construiu uma cidade e fez fortuna.

A seguir, trechos da entrevista que o senador Maggi concedeu a Folha na quinta-feira, dia 10, em seu gabinete em Brasília.

★

Folha - Sua família criou uma cidade em torno da soja. Como o sr. se tornou o "rei da soja"?

Blairo Maggi - Não gosto de ser chamado de rei. Acho pejorativo. Quem quiser ser rei tem que preservar o cetro. Não estou preocupado com isso. Amanhã ou depois haverá outro grande produtor. Essa cidade foi programada. Compramos uma área em Sapezal, antes da metade da década de 80, onde não existia absolutamente nada. Reservamos uma área de 2.400 hectares entre duas fazendas. Em 92 já era uma cidade, mas só em 96 tornou-se um município. A cidade começou a girar em torno do grupo. As primeiras casas foram construídas pela nossa empresa. O hospital foi erguido com um desconto a mais de um empréstimo que eu tive do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). Hoje tem 6.000 habitantes e há outras empresas instaladas por lá. Construímos uma pequena hidrelétrica para abastecê-la e depois uma segunda, que abastece todas as casas, as fazendas e as empresas.

Não há um centavo do governo. Tudo iniciativa privada. Nosso grupo tem 45 anos de trabalho.

Folha - O que o sr. está achando da vida política?

Maggi - Projeto que o governo não quer não vai a lugar nenhum. Só o que ele manda. No curto período que estou aqui cheguei a uma conclusão: se todos fossem da oposição, seria melhor. O Congresso ia legislar. Como os partidos têm o compromisso de defender o governo, pois fazem parte dele, ficam esperando o Executivo fazer alguma coisa e só aprovam o que governo quer. Como o Executivo não faz, o Congresso não tem força.

Folha - Qual a opinião do sr. sobre a política FHC para a agricultura?

Maggi - Esse governo deveria ter uma determinação para resolver os problemas. Um novo movimento, um caminhonço, com 800 veículos, está sendo organizado para protestar contra essa política. Sairá do Sul, passará por São Paulo e pelo Centro-Oeste, chegando a Brasília. Vai ser outra confusão, com outro agravante: o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) vai protestar junto com pequenos, médios e grandes produtores. Provavelmente no dia 29. Eu apoio esse movimento. É o único jeito para resolver o problema. Também sou favorável à reforma agrária, pois o país tem milhares de hectares para serem ocupados. Podem perfeitamente assentar todo mundo. Não precisa de



Fotos Alan Marques/Folha Imagem

O produtor de soja Blairo Maggi, que vai ficar quatro meses no Senado como suplente de Jonas Pinheiro

briga.

Se o governo atendesse às reivindicações deles, não haveria invasões. No momento em que passamos por uma crise de emprego, as pessoas não têm para onde ir. Vão para os acampamentos do MST, onde encontram solidariedade.

Folha - Os ecologistas dizem que o processo de expansão da soja no cerrado está provocando a destruição de matas e mananciais.

Maggi - O problema dos ecologistas é que eles são muito apaixonados. Critiquei no plenário a posição de algumas ONGs (organizações não-governamentais). Essa história de que não pode mais derrubar árvores porque está acabando com o cerrado é besteira. As ONGs fazem um escarcéu porque uma área foi devastada. Muitas delas estão a serviço de interesses externos.

Folha - O sr. encaminhou dois projetos ao Senado pedindo autorização para o tráfego de barcos com grãos e insumos em áreas de

preservação indígena.

Maggi - A própria Constituição diz que as margens dos rios pertencem à União. Não pertencem a mim nem aos índios. Longe de mim fazer algo irresponsável. As regras têm que ser claras, com relatório de impacto ambiental.

Folha - O sr. está sendo sondado pelo PFL e pelo PMDB para disputar o governo de Mato Grosso?

Maggi - Existe a possibilidade de eu disputar. Já na campanha que levou Jonas Pinheiro ao Senado eu me portei como candidato. Subi em palanque, pedi votos. O próprio eleitorado de Mato Grosso e o senador Jonas sabem que, se não fosse o meu envolvimento e do outro suplente, ele não teria sido eleito. É claro que também participei do financiamento da campanha. Tudo legalmente.

Folha - O sr. participou da campanha do senador Jonas Pinheiro com financiamento?

Maggi - Participei como candidato mesmo. Foi uma eleição difícil.

Eu fui para a campanha. Subi em palanque, visitei pessoas, pedi votos. Larguei totalmente os meus negócios.

Folha - O que o sr. acha dessa forma de escolha de suplentes?

Maggi - Acho que o suplente deve ser eleito pelo voto direto, independentemente do partido. Acho muito mais democrático. Sobre esse aspecto, a lei tem que mudar.

Folha - Qual é o seu projeto político?

Maggi - Meu projeto é ficar aqui os quatro meses que vim substituir o Jonas. Depois, volto a controlar minhas empresas. Tenho tempo para escolher o partido. Será determinante o grupo que terei lá na frente. O ideal seria ser candidato de uma aliança (PMDB e PFL). Já estou trabalhando para isso. O partido, porém, independe.

Folha - O sr. acha que essa curta experiência na campanha para o Senado já irá lhe render votos?

Maggi - Na verdade, eu sempre viajo pelo Estado. Sempre fui presidente de associações de produtores de semente, de exportação de grãos, entre outras. Sempre estive envolvido com a política. Não a partidária. Conheço bem o Estado, e o eleitor me conhece. Não vejo dificuldades para isso. Acho até bom não ter experiências administrativas. Tenho algumas idéias diferentes da forma tradicional de fazer política, mas não vou revelar agora.

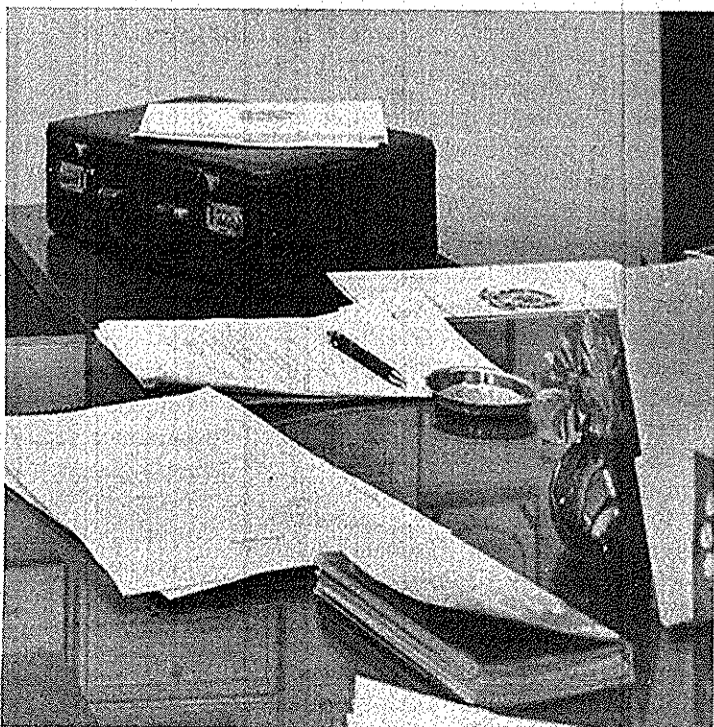
Folha - O sr. era do PPB e se desfilou para assumir o mandato. Por quê?

Maggi - Lá de longe, fiquei imaginando que eu teria que ficar defendendo o Pitta (Celso Pitta, prefeito de São Paulo) e o Maluf (Paulo Maluf, ex-prefeito de São Paulo) aqui no Congresso, na época em que estavam fervilhando os problemas da Prefeitura de São Paulo. Hoje me arrependo, vi que não precisaria ficar no Congresso defendendo ninguém. Poderia até criticá-los.

Folha - O sr. pode revelar se irá plantar soja transgênica?

Maggi - Vou plantar. Não há nada provando que os alimentos transgênicos façam mal à saúde.

ZOOM



Detalhe da maleta do senador em seu gabinete em Brasília